

Vladimir Carvalho

00:46 - Vladimir em off: Comumente, o... o documentário parte da história. Talvez uma história com “H” maiúsculo, a história do homem, a história da civilização, etc. E o cinema de ficção, de uma... é a história da narrativa que apela naturalmente da imaginação ao inventado. Por isso, eu... eu costumo dizer que o roteiro de ficção é um ponto de chegada. E o roteiro do documentário é um ponto de partida apenas, aberto à aventura. Uma janela escancarada pra realidade, pro mundo, pras pessoas, pra ser até confrontado. E sujeito às circunstâncias. Mudanças de rumo pra colher o que a realidade nos tem a oferecer em qualquer circunstância. Você sai, você tem a ideia, você pesquisou e você vai fazer o documentário, mas aquilo tem nuance, aquilo transita, aquilo muda a cada momento e você pode ser surpreendido. A gente não pode sair de casa pra fazer um documentário com uma ideia pré-concebida jamais.

02:01 - Vladimir: O meu pai era um cinéfilo. Era um homem do interior, mas que lia, que era atento ao mundo. Não aquele mundinho de uma cidade do interior. Eu nasci numa cidade chamada Itabaiana na Paraíba. No mínimo, uma vez por semana, no mínimo, nós íamos ao cinema. Cine Teatro Ideal, olha que coisa. Então, eu me habituei com o cinema, é... muito... em tenra idade, como se diz, né? Muito cedo. E aí, foi uma coisa, como se fosse aplicado pro resto da vida, até hoje.

02:38 - Vladimir em off: Sei, que a minha tia Maria me carregou no lugar e perdi a fala. Deitaram-me na cama. A cara do homem ensanguentado e os gritos da mãe em agonia, me ficaram para sempre. Não saía da minha cabeça aquele quadro. Foi neste dia que me apareceu a asma, a falta de ar, o puxado como é chamado pelo povo. E que foi a desgraça de minha vida de menino.

Vladimir: Eu vivi em Salvador, onde fiz faculdade. Era amigo de Linduarte Noronha e o Linduarte tinha feito uma reportagem que ganhou um prêmio na Tchecoslováquia, sobre... essa reportagem era sobre um... um povoado que fabricava uma cerâmica popular. No alto sertão da Paraíba. Num lugar inóspito. E ele queria fazer um filme e aí, ele identificou em mim, uma das pessoas que podia colaborar com ele, porque eu já era... eu já escrevia crítica de cinema no jornal, não sei o quê... E me chamou. E aí... um parênteses fundamental: a gente não sabia o que era o cinema, a gente sabia... como bom espectador, que íamos sempre, mas nós não tínhamos a ideia do que era fazer um filme. O que era pegar uma câmera e pôr diante de um assunto e... e fazer uma... uma captura

da... daquela realidade. Então, nós descobrimos de um... um livro *Tratado de la realización cinematográfica* de Leon Kuleshov, um russo. E aquilo foi... foi extraordinário porque a gente não tinha professor, não tinha curso de cinema. Não tinha produção de cinema documentário. Isso eu to falando de 1958, 59. Então, a gente se deparou com o chamado “roteiro de ferro” dos russos, Leon Kuleshov. Contemporâneo do Eisenstein, do Dovichenko, esse povo todo. E lá tinha um modelo de roteiro. Um roteiro que parecia um... um livro caixa. Lá tinha escrito, número do plano, tomada tal, escrevia a tomada tal, tal, tal, tal... Se caísse um alfinete no chão, aquilo tava previsto: no plano tal, cai um alfinete... entendeu? E fomos ao alto sertão da Paraíba e pusemos mãos à obra. Plano a plano, plano a plano. Ora, isso não podia dar certo, por que? Porque por definição, o documentário é uma janela, tem que ser uma janela aberta pra um... pras circunstâncias, vamos dizer do... do que está exterior ao... ao... ao roteiro. Eu levei vinte e três anos como professor na universidade e eu cobrava dos meus alunos roteiro e eles reclamavam e eu ficava semanas explicando porque que deveria ter o roteiro, porque era reflexo das pesquisas que eles tavam fazendo. Podia tomar nota, pra depois ser violentado, como nós fomos na serra há sessenta... há quase sessenta anos.

06:01 - Vladimir: Então, ficamos na serra. É... no talhado como eles chamam, Serra do Talhado. E lá, o roteiro virou pó, não interessava pra nada, porque... a realidade que se nos apresentava nos ensinou, é por aqui. É tirando o barro, fazendo a mistura do... do barro... dentro, a massa... fazendo o... é, é... construindo a tralha, a... a forma. Pra nossa surpresa, esse filme teve um retumbante sucesso. E foi aclamado pela crítica no Brasil. “Aruanda” é um dos filmes seminais, fundadores do cinema novo. Eu, de minha parte, disse “Eu agora, só quero saber de fazer isso”.

Fui nascido e criado em num lugar, na... na... no fronte de uma situação que é uma região problemática, continua sendo, o nordeste brasileiro. É pra muita gente, um ponto morto. É como se fosse... se o Brasil tivesse que investir e só perder dinheiro no nordeste, entendeu? O país da seca, o país do... da injustiça completa, porque são latifúndios enormes, não é? E superpopuloso, não é? Mas em 66, 1966, dois anos depois da... do golpe militar, eu resolvi, é... de fazer, de uma forma um tanto quanto dissimulada, um filme, que eu não sabia nem direito o que era. Inventei um filme no sertão. Lá nos cafundós da Paraíba, nessa cidade de Souza, onde era o peão, onde eu podia filmar. Porque eu sou fixado na figura do meu avô. Eu digo que ele era alfaiate de vaqueiro, entendeu? Porque aquela roupa de vaqueiro, aquelas coisas... selas de cavalo, arreios, aquela coisa

toda. Meu avô era craque nisso, um artesão do couro, assim super categorizado. E eu tenho essa... essa... essa herança, essa memória viva. Me lembro muito bem dos vaqueiros andando, o tilintar da... dos bosdeguns e daquela coisa que... as esporas balançando, aquele tilintar nos meus ouvidos e aqueles homem parecendo um centauro, corados, né? Andando na casa do meu avô, provando esse... essas roupas, esse couro, essas coisas todas, né? O Manuel Bandeira que fala muito da... a casa do meu avô era impregnada de eternidade.

09:27 - Vladimir: Em 70, eu fui viver em Brasília. Plena ditadura Médici, fiquei como professor da universidade, então tinha recursos. Aí vinha, editava, fazia alguma coisa pra que esse... esse filme, é... realmente fosse concluído. Enfim, em 71, eu entrei na censura. Aí já é um capítulo que mostra o tempo que a gente vivia. Censura, ditadura, tortura, tudo rimando, assim, né? Então, lá em 1971, não deu outra coisa, o filme foi interditado. Que o que eu mostrava não interessava a um programa, um projeto do governo, chamado “O novo nordeste”, como se eles tivessem recuperado a economia, tivessem feito... os ditadores, né? E o filme mostrava o avesso disso, né? É... a injustiça social, a posse da terra, o sofrimento daquela gente, tirando água da pedra, né? E aí, esperei quase dez anos pra liberar “O País de São Saruê”, que era um filme inofensivo... ora, mostrava uma realidade que taí até hoje, né?

10:37 - Narrador em off: Os Ávilas, os Oliveira, Domingos Jorge. Ou Domingos Jorge velho cujos duros calcanhares pisaram noutros Domingos, certos montes dos Palmares. Como um boi atrás do outro, os homens que também vão cravando espinhos e felpas nas palmas duras da mão. Dentro do mato, os clamores dos bravos índios corridos. Eles, únicos senhores desses sertões esquecidos. Mas não são só migradoras as aves de arribação. De certo, um dia, essas coisas, às suas mãos voltarão.

11:20 - Vladimir: E eu sonhava com a... com a água chegando no nordeste como uma epifania. Como um povo sedento que tava ali, arquejando já, morrendo de sede. Essa é uma... uma... uma imagem que quase não existe, só existe na minha cabeça. E, de repente, você transforma aquilo numa... numa... numa terra de bonança, num país de São Saruê, porque no fundo é isso. Aquela... aquela... aquele mito antigo, né? De fartura, de... de uma terra que o... o... os rios emanam leite e mel. O céu é coberto de ouro, o dinheiro nasce nas plantas, que é uma coisa, um exagero do cordel, que é um... um cordel famoso “Viagem a São Saruê”, né? Eu pensava isso. Pensava porque a gente tem

imaginação pra pensar, ou melhor, pra elaborar esse tipo de... de alegoria. Eu sonhava com... com o sertão seco, sertão que morre de sede durante a seca. Dum sujeito botar um pote de água na cabeça e ir buscar água com três léguas de distância, cinco léguas de distância, pra tomar um pequeno cálice, um copo d'água, que não pode tomar banho. Tá tudo seco. E houve um investimento? Houve, mas também teve muita demagogia, entendeu? Eu não consigo... três coisas, eu tô... me pus um impedimento, pela minha idade, porque eu quero ser, como se... ineputável. Então, eu elegi pra mim, um comportamento: política, futebol e religião, não discuto.

13:22 - Narrador em off: Eu venho vindo de longe. Decisão antiga. Trazendo nas mãos de espinho, a ferramenta amiga. E pesam nos ombros largos, cidade e fadiga. Pesam nos ombros amargos, cidade e fadiga. De uma asa à outra asa, sua distância da vica. De uma asa à outra asa, entre chegada e partida, sou tudo que sou. Candango. Quando Brasília ser... ia.

13:57 - Vladimir: Eu... eu devo ter feito, assim, uns quinze ou dezesseis filmes em Brasília. Três deles, são longa-metragens, uma trilogia brasiliense. Primeiro, eu fiz o filme da construção, que eu julgo ser a súpula do meu trabalho todo, porque eu sou muito dividido, campo e cidade. Então, quando eu descobri que... que uma... um contingente de pessoas tinha sido massacrado durante a... a construção de Brasília, eu não descansei enquanto eu não fiz esse filme. É um filme que, absolutamente, nega toda a oficialidade. Eu entrevistei o Oscar, o Oscar... foi até grosseiro, é... no meio da história, como eu insistisse pra ver se ele contava a história do... do massacre. Ele... ele fala assim “Apaga esta merda, não faço mais, você tá contra”, entendeu? O Oscar.

14:48 Homem em off: Então, ele pegou a marreta, no décimo andar, pegou a marreta e... quando ele foi pra ameaçar no rebite, que ele levou a marreta pra bater no rebite, aí o... a marreta foi e trouxe ele e ele... veio ó, caiu, quando chegou embaixo, o pessoal viu caindo.

Entrevistador: Quantos andares?

Homem: Era.. já tava no décimo-primeiro andar. Já. Aí, quando o pessoal correu, disse “Caiu um... um operário aí”, chegou embaixo, não tinha mais ninguém.

15:50 - Vladimir: Eu mandava meus alunos, de... de uma disciplina de documentário, fazer pesquisa na cidade, nos esportes, nas artes, na ciência, em tudo mais. No trânsito,

população, etc. E aí, descobriu-se que Brasília tinha 200 bandas de rock. Sabia-se, porque era uma zueira danada na cidade. Quando o pessoal do rock começou a voltar pra Brasília, já tendo atravessado as linhas... já tava na mídia. Eu entrevistei o... o Dado, entrevistei o... o Renato, o Renato Russo e o pessoal do Capital. Assim, desconfiado que ali tinha uma coisa. Quinze anos depois, eu voltei a isso daí, o material tava intacto, aí eu fiz o Rock. Por que? Porque eu conhecia os pais dos camaradas, então eu via esses meninos, fumando maconha embaixo do bloco onde eu morava. Antes, bem antes. E vi eles fazendo sucesso na televisão. Era impossível ignorar o rock. Porque às vezes, as pessoas me encontram, “Pô, você fez... você é um nordestino muito fajuto, você faz filme de rock”, eu digo “Qual o problema? Não é a cultura brasileira?”

17:12 - Renato Russo: Ah, isso eu comecei quando eu era muito, muito pequeno. Acho que foi com quatro anos de idade. Porque é o seguinte, a... a minha mãe tinha... a irmã da minha mãe, que era mais jovem, tomava conta de mim quando meus pais saíam e assim, naquela época, meus pais eram mais jovens, eles gostavam de agitar, sair... eles saíam bastante. E ela que ficava tomando conta de mim, né? E ela era fã do Elvis Presley, tinha quatorze anos, então... assim, ela morava na rua do Bispo, a gente morava na rua do Bispo, né? Lá na Tijuca, no Rio de Janeiro e a própria rua do Bispo já tinha uma tradição, né? Era ali que saiu Tim Maia, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, toda aquela turminha. Então, ela ficava namorando na janela, ouvindo assim, aquele som, né? E eu lá, dormindo no berço. Aí, tipo assim, foi através dela. Uma vez, os meus pais voltaram de viagem e... eles ficaram assim, não conseguiam me fazer parar de chorar, né? Aí, chamaram minha tia “Socorrinho, pô, que papo é esse, o garoto tá chorando”, “Ah deixa que eu resolvo isso num instante”, foi lá, pegou um radinho, colocou no berço e eu fiquei quietinho.

Vladimir: E era rock?

Renato Russo: Era rock.

18:09 - Vladimir: O Renato eu peguei na primeira instância, ele ainda vivo. Ele foi assistir uma bandinha de rock na universidade. Levaram um carro de som pra fazer entrevista com ele, eu peguei uma carona e entrevistei o... o... o Renato. Essa, essa é a entrevista que abre o filme. Daí eu peguei... e as pessoas pensam “Isso vai ser um musical”, aí quebram a cara, como eu também quebrei junto, porque não tem musical. Eu digo que roqueiro tem pai e mãe e eu fui procurar as razões do surgimento daquele movimento na

família, entre eles. Café da manhã em casa, toda essa coisa. E é um hino também de, de amor fraternal e maternal e paternal, porque por exemplo, o Capital Inicial? Capital Inicial deve ser porque o capital inicial era do pai, porque ele não tinha capital nenhum. Ele que bancou. E eles tão aí até hoje.

19:05 - Entrevistado: Encontrei na rua, ali na Esplanada do Castelo, Rio de Janeiro, o Fausto Cupertino, ele perguntou “Que que você tá fazendo?”. Eu falei “Tô indo pra Brasília”. “Você é doido!”. Eu digo “Qual é o problema?”. “Pra onde você vai?”. “Pra universidade”. Falou “Ah, universidade, esse negócio de universidade acabou”.

Entrevistada: Em 1967 a 69, nós fomos pra Nova York e ele foi fazer mestrado em economia. Ele, Renato, meu marido. Ficamos lá, as crianças foram pra escola e foi a melhor coisa que aconteceu pra eles, né? Carmem Teresa, um mês depois já tava falando inglês, toda exibida, pelo telefone e tudo. E o Renato... e o Junior não falava, eu dizia assim “Mas meu filho, não entendo como que você não fala inglês”. “Eu só falo inglês quando eu souber falar muito bem”.

20:03 - Vladimir: O Renato, um sujeito superdotado que sabia os poemas, os sonetos de Shakespeare de cor, que queria ópera, que queria fazer cinema, que queria filmar *Capitães de Areia*. Ele era muito amplo, gênio. Então, esse cara não podia nunca, ser indiferente, a figura do Renato, né? Então, eles se juntaram e fizeram o movimento do rock Brasília e foi isso que eu tentei mostrar. Então, as pessoas ficam “Cadê... cadê as músicas?”. Quer mais? O Capital Inicial cantando “Que país é esse?” na Esplanada dos Ministérios para um milhão de pessoas? “Que país é esse?”. O povo... e um milhão de vozes responde “É a porra do Brasil! É a porra do Brasil”. Entendeu? Então, aquilo é empolgante, eu filmei isso tudo.

Dinho: Nas favelas, no Senado. Sujeira pra todo lado. Ninguém respeita a Constituição. Mas todos acreditam no futuro da nação. Que país é esse?

Público: É a porra do Brasil!

Dinho: Que país é esse?

Público: É a porra do Brasil!

Dinho: Que país é esse?

Público: É a porra do Brasil!

Dinho: Que país é esse?

21:17 - Vladimir: A minha inquietação, a minha meta e, até inconsciente, é desvendar o que está por trás das aparências. Sabe? Essa tessitura hipócrita, essa coisa que... você... nem sempre aquilo... aquela aparência é o que parece ser. Tem alguma coisa que subjaz aqui embaixo. Então, eu procuro... eu procuro ir atrás disso. É difícil, é difícil porque fazer um filme em si já é difícil, qualquer filme. Qualquer filme é difícil. Não quero ser... negativo. As novas gerações tão aí... digo, as pessoas tão fazendo filme, tão fazendo e devem fazer, mas não há filme fácil, né? Então, principalmente se você tem a pretensão e tem pessoas que dizem “Não, não tenho pretensão nada e não sei o quê”. Eu tenho pretensão, eu quero mostrar o que tá por trás. É difícil. Talvez em nenhum dos meus filmes eu tenha conseguido. Eu tenho... eu tenho navegado na superfície numa água mais, mais assim... mas eu queria mostrar, entende, no fundo do mar.

E cada filme você, é uma aventura. É... às vezes, torturante. É novamente, aquelas coisas. É sofrer no paraíso, porque quando você consegue uma coisinha melhor e que você “Ah parece que passou” e as pessoas “Ah, entendi...”. Então, isso é muito bom, mas o que eu queria era meio que desvendar... trans vestir ou desvestir o que tá por trás disso que a gente chama de realidade, que é, sobretudo, um... transpor as relações do homem com a natureza que... num tempo primal, um tempo primordial, desde que o homem é homem. Foi ele e a natureza. Depois a gente tem o homem em sociedade, que é isso que tá aí. E o homem em sociedade, querendo dominar o outro homem, dominar no pior sentido, não é? Escravizar o outro homem, em nome dos “ismos” todos, comunismo, capitalismo, o imperialismo, sei lá o quê. Eu me dou o direito de ficar num trincheirinha individual, querendo dar um tiro com a minha máquina. Eu quero contribuir pra que a gente se esclareça! Respondendo a sua pergunta, pra que as pessoas tenham mais consciência dos seus direitos, de sua liberdade, da sua... das suas possibilidades. Isso é uma maluquice de velho, talvez, e tá piorando cada vez mais, entendeu? Eu só penso nisso. Tô há 60 anos nesse negócio e não tem fresco, não tem fresco. Então, você sofre, sofre, sofre... e parece que você é masoquista, que fica gostando de sofrer. Mas tem uns hiatos assim, quando você termina um filme, mesmo que não faça sucesso, mas quando você olha para aquela cria, você sente uma espécie de gozo, um prazer... assim... nunca experimentado, entendeu? Pra mim, isso é ser documentarista. E aí, isso convive com as dificuldades de

fazer, de divulgar, de conseguir angariar recursos pra exhibir, não é? Isso é uma... uma luta permanente, mas tô muito feliz e satisfeito de tá assim, no meio do tiroteio.